



## Sacralização e profanação modernas: leituras de Marx por Christoph Türcke

Eduardo Guerreiro Brito Losso

**Resumo:** O propósito do artigo é situar o leitor brasileiro diante da obra do filósofo Christoph Türcke, especialmente a relevância de suas intervenções em discussões teológicas a favor da atualização da teoria crítica. Para isso, focar-se-á o modo como ele abordou o fundo teológico de determinados problemas e conceitos de Marx, como sua crítica à religião, a categoria de trabalho, o fetiche da mercadoria e a lei do valor. Türcke analisou como Marx contribuiu para o entendimento da manutenção de estruturas arcaicas na modernidade e até que ponto ele, ao subestimar o papel da religião na história, recaiu nessas mesmas estruturas. Por isso, o artigo termina refletindo o quanto é necessário, para a teoria social, levar a sério a amplitude efetiva de aprisionamentos arcaicos insuspeitos nos quais o homem continua enredado.

**Palavras-chave:** Sagrado e profano. Materialismo e teologia. Christoph Türcke. Teoria crítica. Karl Marx.

**Abstract:** **Modern sacralization and profanation: readings of Marx by Christoph Türcke.** The purpose of the paper is to situate the Brazilian reader before the work of the philosopher Christoph Türcke, especially the relevance of his intervention on theological controversies in favor of the update of critical theory. For this, it will focus the way he approached the theological background of problems and concepts of Marx, as his criticism of religion, the job category, the commodity fetishism and the law of value. Türcke examined how Marx contributed to the understanding of the maintenance of archaic structures in modernity and the extent to which he, to underestimate the role of religion in history, fell in these same structures. Therefore, the paper ends reflecting how necessary it is, to social theory, to take seriously the effective range of unsuspected archaic lockups in which man remains entangled.

**Keywords:** Sacred and profane. Materialism and theology. Christoph Türcke. Critical theory. Karl Marx.



## **Türcke no Brasil**

Faz tempo que Christoph Türcke é lido no Brasil. Desde o período em que foi professor visitante da Universidade Federal Porto Alegre e da Pontifícia Universidade Católica Porto Alegre, de 1991 a 1993, iniciaram-se publicações suas em terras tropicais. Primeiro, apareceu a tradução do livro “O louco”. Nietzsche e a mania da razão em 1993 (TÜRCKE, 1993) cujo original, *Der tolle Mensch - Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft*, é de 1989 (TÜRCKE, 1989). Em seguida, em 1994, ele organizou um livro sobre Nietzsche, “Nietzsche, uma provocação” (TÜRCKE, 1994), reunindo especialistas renomados, como Scarlett Marton e Hans-Martin Gauger. Com essas duas publicações, durante muito tempo deu-se a impressão de que Türcke era somente um especialista em Nietzsche. Contudo, foram também publicados alguns artigos. Por exemplo, em 1995, no livro organizado por Luis Alberto De Boni, sobre fundamentalismo, Peter Naumann traduziu um capítulo do livro de 1992, *Kassensturz* (TÜRCKE, 2011, capítulo “Fundamentalismus” introduz o livro, da p. 11 a 26). Levando em consideração somente esses textos, há coerência em um professor de filosofia estudar Nietzsche e fazer a crítica do fundamentalismo contemporâneo. Posteriormente, diferentes artigos de Türcke foram traduzidos, mas foi com “Sociedade excitada”, em 2010, que ele foi encarado pelo que de fato é: um filósofo (e não um professor de filosofia especialista em um grande nome da filosofia) lido por um número cada vez maior de pesquisadores e estudantes, referência determinante para o entendimento da sociedade moderna e contemporânea, em especial para os graves efeitos dos meios audiovisuais. Neste livro, inclusive, fica mais clara a sua posição de raro renovador da teoria crítica.

Antes da publicação de “Sociedade excitada”, algumas conferências suas no Brasil foram feitas a convite da Associação Brasileira de Estética, cujo presidente é Rodrigo Duarte, especialmente o que está registrado no livro “Mímesis e expressão”, de 2001 (TÜRCKE, 2001), e no Congresso Internacional de Teoria Crítica, organizado primeiramente por Bruno Pucci, da área de educação. Este congresso cumpre papel muito importante em nosso assunto e vale a pena determo-nos em sua história. De início, participaram dele orientandos de Pucci como Antonio Álvaro Zuin, Luiz Hermenegildo Fabiano, Belarmino César G. da Costa e pesquisadores afins,



como Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória, da psicologia, e Renato Franco, de estudos literários e ciências sociais. Türcke compareceu pela primeira vez no evento “100 Anos de Theodor W. Adorno: Colóquios”, de 2003 e realizou conferências na UNIMEP, UFSCar e UNESPARaraquara, sendo o primeiro estrangeiro convidado para um polo de convergência que, a partir de então, tornou-se o maior congresso de teoria crítica da América Latina e um dos maiores do mundo, congregando pesquisadores de todo o globo e intensificando consideravelmente seus estudos no Brasil. Este evento vem sendo considerado, por Türcke e vários outros, a maior prova de vitalidade da teoria crítica no século XXI. A partir de 2010, no VII Congresso de Teoria Crítica: natureza, sociedade: crises, na UNICAMP, organizado por Fábio Durão, em que foi lançado o livro “Sociedade excitada” e “Filosofia do sonho”, Türcke tem sido praticamente o autor vivo mais citado e discutido entre os pesquisadores ligados a teoria crítica no Brasil.

O que não fica claro no conjunto heterogêneo de traduções e conferências é a singular trajetória desse revitalizador da teoria crítica, que já publicou vinte livros inéditos, e mais os traduzidos não só para o português, mas também para o inglês, italiano, holandês e turco. Depois de sua graduação em teologia (*Studium*), feita de 1966 a 1972, iniciou um doutorado em teologia, cursando todas as disciplinas e tendo escrito a tese, que foi aceita pelo orientador, mas recusada pela instituição. Türcke submeteu o texto para o professor de filosofia Hermann Schweppenhäuser, aluno dos mais próximos de Adorno e organizador da obra de Walter Benjamin, e a tese foi aceita pronta, de modo que ele a defendeu em Filosofia e, a partir daí, escreveu sua tese de habilitação (*Habilitation*) na mesma área (TÜRCKE; LOSSO, 2008). Ainda assim, a tese, defendida em 1977 e depois publicada no livro, *Zum ideologiekritischen Potential der Theologie* (TÜRCKE, 1979), em 1979, e a habilitação, *Vermittlung als Gott*, defendida em 1985 e publicada em 1986, investigam o ponto de encontro entre teologia e filosofia a partir de uma base materialista.



## Primeiro livro

A discussão teórica do primeiro livro, por exemplo, inicia citando Jürgen Moltmann para fundamentar o estatuto de uma teologia política que *desmitologize* e libere o Estado tanto do domínio da religião como da alienação política feita pela ideologia (TÜRCKE, 1979, p. 10). Ela dedica-se a uma hermenêutica política que está em “solidariedade crítica” “com movimentos socialistas, democráticos, humanistas e antirracistas” (MOLTMANN Apud TÜRCKE, 1979, p. 14).

É por isso que Marx tem razão ao criticar a religião como ópio do povo, que cria um reino nas nuvens de um mundo redimido transcendente para justificar ideologicamente a exploração objetiva. Contudo, quando a negação determinada da teologia se transforma em negação abstrata, pretende a destruição da teologia em nome de uma ciência puramente objetiva. A crítica não reconhece seu credo positivista e ignora as raízes históricas tradicionais da própria crítica. Se a crítica marxiana mantém seu vigor é precisamente por causa do pressuposto de uma redenção utópica comunista que resultaria numa (re)apropriação (*Aneignung*) da essência humana (TÜRCKE, 1979, p. 33).

O erro da utopia marxiana não está na perspectiva de redenção, pois, para dar luz à crítica do existente, ela é não só inevitável como necessária (tal como nos ensinou Adorno no último aforisma de *Minima moralia*, ADORNO, 2008, p. 245), o erro é a sua positivação, já que ela só pode se manter em suspensão negativa. Nesse caso, a crítica em bloco que Marx faz da teologia não procede; seu positivismo científico reduz tudo a fatos econômicos e históricos e não reconhece o momento teológico intrínseco à própria crítica à ideologia. A linha de separação entre materialismo e crítica à ideologia foi posteriormente elucidada por Adorno e Horkheimer (TÜRCKE, 1979, p. 30).

A poesia moderna, já desde William Blake (isto é, antes de Marx), vê redenção na materialidade, isto é, é capaz de espiritualizá-la, operação artística que Adorno, em sua crítica literária, observou nas variadas manifestações líricas da “promessa de felicidade” (ADORNO, 2003, p. 80).



Toda uma dialética de conflito e deslocamento entre materialismo e teologia foi tratada já neste primeiro livro de modo consideravelmente avançado, mas ainda terá diversos desdobramentos ao longo de sua obra. Em relação à primorosa e até hoje mal reconhecida contribuição de Adorno a esse problema, ver seu artigo “Inverse Theologie” (TÜRCKE, 2004, p. 91-97). Foi com base nele que eu explorei a relação entre Adorno e teologia negativa em minha tese sob a sua orientação (LOSSO, 2007). Se a base de Türcke para formular um olhar materialista da teologia que não a subestime é Adorno, contudo, ao longo da obra Adorno defende um ponto de vista judaico, sendo demasiadamente benevolente com o judaísmo e excessivamente intolerante com o cristianismo. Türcke, contudo, está interessado em resgatar o potencial emancipatório da palavra paulina, que é tão grande quanto à proibição das imagens (*Bilderverbot*) do Êxodo, conceito a qual Adorno frequentemente se referia.

O livro é uma leitura do texto paulino de modo a resgatar o seu potencial de crítica à ideologia, isto é, retirar da fonte mais primária da teologia cristã seu potencial crítico. Para isso, Türcke constrói uma argumentação rigorosa apresentando uma série de distinções necessárias, como, por exemplo, põe em questão as passagens de J. Moltmann que confundem a abertura de sentido histórica da ressurreição para o sujeito, na teologia paulina, com a sua falsa realidade histórica. Ou, no caso de R. Bultmann desmascara a momentânea negação da realidade na ressurreição, desprezando o próprio fato histórico, em nome da superioridade da palavra divina no evangelho (TÜRCKE, 2004, p. 72-73). De forma bem diferente dos renomados teólogos, o que interessa ao autor é não cair, a partir do conceito, na adoração cega e crente do dogma paulino, de modo a extrair a negação determinada do existente em Paulo, que se torna, por conseguinte, a fonte de um potencial de crítica à ideologia na teologia cristã.

É na terceira e última parte do livro, “Pelo potencial de crítica à ideologia da cristologia”, que o conceito hegeliano de negação determinada é esclarecido dentro de um uso materialista e negativo da discussão teológica.

A cruz é a negação determinada de Jesus, sua morte, mas é na morte que se guarda sua verdade. Não há novo nem proclamação de uma nova criação, nem sujeito transcendente, nem acolhimento do Pai, a partir de seu falecimento. É justamente na cruz que se rompe com a afirmação do sujeito divino, com o redentor que se responsabiliza pela unidade do mundo. Sua



cruz é “o sinal verdadeiro da redenção impedida” (*Wahrzeichen der verhinderten Erlösung*), “o irremediável conceito da cruz é o fim da toda teologia afirmativa” (*Der unverstellte Begriff des Kreuzes ist das Ende aller affirmativen Theologie*) (TÜRCKE, 2004, p. 125).

Depois de apontar o aspecto irreduzível do conceito de cruz e insistir em não maquiá-lo com ilusões imaginárias doutrinárias, Türcke prepara o terreno metodológico para extrair o teor de verdade (*Wahrheitsgehalt*) da ressurreição. O conceito de verdade é evidente para a humanidade somente de modo negativo. A humanidade que se libertou da devoção a um poder divino transcendente e que alcançou a consciência de produzir as condições de sua reprodução, é levada, ao mesmo tempo, a perder o conceito da verdade enquanto única finalidade razoável da história.

A sabedoria de Deus, que é loucura para os homens, resguarda-se na reivindicação à liberdade de se contradizer, cujo fundamento está nada mais nada menos no desejo da solução das contradições, de uma humanidade reconciliada, contra a falta de finalidade do estado do mundo (*Weltzustand*). É preciso um momento de “inderivável revelação” (*unableitbarer Offenbarung*) que se constitui contra “o contexto geral de desgraça” (*Unheilzusammenhang*), contra o qual ele deve reagir. A substância da crítica teológica à ideologia está nesse momento de revelação, que não pode ser transfigurado positivamente em salvação garantida (*verbürgten Heils*) (TÜRCKE, 2004, p. 128). Se ela ultrapassar essa linha, retira dela mesma o fundamento de toda reivindicação contra a iniquidade (*Ungöttlichkeit*) do mundo, contribuindo para a mesma desgraça e irracionalidade contra a qual combate (TÜRCKE, 2004, p. 129).

### **Filosofia, teologia e teoria crítica**

Se hoje, no Brasil, Türcke é conhecido como o grande renovador da teoria crítica nas margens dos rumos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt desde Habermas, embora alguns saibam vagamente que ele escreveu livros sobre teologia, praticamente quase ninguém conhece o tipo de operação dialética que ele produziu desde esse primeiro livro, entre teologia e teoria crítica. Fica a vaga impressão, para os antipáticos, que ele é um teólogo se disfarçando de marxista, e, para os simpáticos, que ele se ocupou de uma questão curiosa, porém secundária.



Por outro lado, ao longo dos anos, 90 iniciou-se uma discussão, no campo ateu e pós-metafísico, do estatuto da tradição teológica para o marxismo e a desconstrução, movida pelo aumento de importância política, ideológica e mercadológica da religião. Foi por isso que surgiram os livros de Alain Badiou (1997) e Giorgio Agamben (1990) sobre Paulo, artigos e livros de Jacques Derrida sobre religião, ver Derrida (2000); Sobre teologia negativa Derrida (1987; 1993). Além disso, há um livro precisamente sobre esse assunto, logo que estava despontando sobre Derrida (CAPUTO, 1997). Além destes, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Jean-Luc Nancy, Slavoj Žižek, todos esses publicaram algo sobre o cristianismo, ou sobre religião em geral.

Como exemplo do chamado “retorno da religião”, a revista alemã *Literaturen* dedicou em 2005 um número à pergunta *Wie gewaltig ist der Glaube?*, “quão violenta é a fé?”, do qual participaram, junto com Türcke, os seguintes autores: Gesine Schwan, Rüdiger Safranski, Gustav Seibt, Jan Assmann, Christoph Marksches, Jean-Luc Nancy e Gianni Vattimo. O artigo de Türcke chama-se “O mercado deu, o mercado tirou”, (*Der Markt hat's gegeben, der Markt hat's genommen*) (TÜRCKE, 2005), em referência a Jó 1:21, que, na Bíblia de Jerusalém, é traduzido como “Iahweh o deu, Iahweh o tirou”.

A inclusão de Türcke no dossiê de *Literaturen* de 2005 ao lado de celebridades como Nancy, Vattimo e Safranski é mais do que justa. Somos forçados a constatar que no mínimo seus seis primeiros livros, de 1979 a 1989, (sem contar com o de 1992, *Kassensturz* e o de 1995, *Religionswende*, publicados quando a abordagem dos outros estava timidamente iniciando) são precursores da discussão que depois será atribuída aos nomes mais famosos. Ele e Michael Löwy começaram a pensar esse assunto na mesma época: Türcke trabalhou a discussão entre teoria crítica e teologia, Löwy (1979), a afinidade entre romantismo, crítica social e redenção. O que merece ser destacado é que a formação do filósofo alemão em teologia, somada a uma filiação à teoria crítica da primeira geração numa época em que seus representantes tinham já falecido e sua influência estava sendo desacreditada, criou uma combinação extraordinária de dois interesses aparentemente díspares, mas que Türcke soube, desde o início, tornar reciprocamente produtivos para um pensamento ao mesmo tempo claro, corajoso, ousado, coerente e rigoroso. O renascimento imediatamente posterior do interesse da filosofia atea pela teologia provou não só



que Türcke estava no caminho certo (apesar das tantas reações negativas, que já começaram pela instituição, nas bancas de doutorado e habilitação), mas ainda não foi devidamente analisada como que sua notabilidade teológica, somada ao projeto de atualização da teoria crítica, não só é mais competente para tratar dessas questões do que os autores que são normalmente mais divulgados, mas também introduz uma nova filosofia, que merece tanta consideração quanto a deles.

Para melhor situar esse problema, isto é, a necessidade da retomada secular de questões teológicas e religiosas fora do comprometimento com crenças e instituições religiosas, é preciso examinar como a filosofia materialista soube ou não formular a crítica à religião sem subestimar o papel histórico das diferentes modalidades religiosas ao longo da história, bem como suas metamorfoses nos territórios em aparência integralmente seculares; para isso parte considerável da obra de Türcke nos acode.

O que ele elaborou, desde os primeiros livros até hoje, com grau cada vez maiores de aprofundamento e acuidade, foi uma releitura crítica dos “mestres da suspeita” – Marx, Nietzsche e Freud – de modo em neles distinguir: onde estão os avanços da crítica à religião; onde estão as miopias dessa mesma crítica ao não saber interpretar diferentes manifestações religiosas ao longo da história em nome de um secularismo que projeta suas avaliações sobre um passado muito diferente; onde eles souberam teorizar sobre os novos deslocamentos de culto, ritual e crença arcaicos em fenômenos absolutamente modernos; até onde eles mesmos caíram nesses retrocessos mergulhados em convicções positivistas (MARX; ENGELS, 2003) ou imanentistas (NIETZSCHE, 2011). Em suma, boa parte da obra de Türcke foi dedicada a uma releitura pontual e minuciosa dos mestres da suspeita diante da envergadura da religião para a história (com o conhecimento por dentro de discussões teológicas), que contém chaves indispensáveis para o entendimento dos mais graves problemas da modernidade. Essa releitura está longe de ser um mero exercício de especialista: ela é, sempre, uma reavaliação dos três que propõe, a partir de questões contemporâneas, uma reformulação da filosofia materialista, mais especialmente, uma atualização da teoria crítica. A retomada dos mestres da suspeita sob o crivo da teoria crítica e a perspectiva histórica do presente cria as condições de uma reformulação das bases da teoria crítica e da sua atualização. Por conseguinte, para entender como isso ocorre, recolhamos



brevemente alguns momentos em que ele pratica essa releitura no principal dos três, no que diz respeito às bases da esquerda: Marx.

### **Ilusão do valor, maldição do trabalho**

No caso do seu primeiro livro, já mostramos como Türcke abraça a crítica à ideologia marxiana, mas observa a contradição entre a perspectiva redentora comunista e o credo positivista. No livro *Sociedade excitada*, o autor apresenta toda a tese da origem da cultura originada do ritual do sacrifício (no item “A compulsão à repetição como criadora da cultura”) (TÜRCKE, 2010, p. 137-147) enquanto troca originária, em “Compulsão à repetição - Troca - Dinheiro” (TÜRCKE, 2010, p. 201-212). A comunidade humana sente-se ameaçada pelos fantasmas de uma compulsão traumática motivada pelas ameaças do mundo externo (terremotos, tempestades, etc.), geralmente manifesta em sonhos, e supõe que algo, que será personificado como um deus, exige dela alguma coisa para poupá-la da destruição. Na mente do homem primitivo, não há muita diferença entre o eu e a comunidade, logo, o melhor a fazer é sacrificar uma vítima valiosa da comunidade para que o resto seja poupado. A partir daí inicia-se o rito sacrificial, que exercitará uma repetição cada vez mais bem composta de seus elementos, de modo a surgir a formação da linguagem, do mito e da cultura ao longo de gerações. Türcke introduz a tese neste livro de 2002 e desenvolve-a com esmero nos livros seguintes. Foi já com base nela que apareceu uma nova crítica a Marx.

Marx demonstrou com perspicácia que o fetiche da mercadoria demonstra o quanto há de projeção subjetiva no valor de troca, que em nada corresponde a um valor de uso “justo”. Porém, Marx ainda acredita que é possível estabelecer um valor justo. O erro desse ponto de vista está no fato de que Marx toma a mercadoria profana como sua forma primeva, enquanto que, para Türcke, essa é uma forma tardia da mesma. A mercadoria e a relação de troca possuem uma longa pré-história sagrada, que Marx ignora e que, se a seguirmos passo a passo, chegaremos à conclusão de que não há valor neutro (o valor de uma mercadoria é “o prestígio que elas adquiriram em uma sociedade, e não sua propriedade natural”) (TÜRCKE, 2010, p. 221) e



perfeitamente calculável: o cálculo aparentemente objetivo está fundamentado na projeção social mais arcaica e fetichizante (TÜRCKE, 2010, p. 215-224).

Isso significa que toda a economia, no auge da racionalização capitalista, repousa sobre valores essencialmente arbitrários, o que justifica, inclusive, um “sacrifício” de energia, tempo, enfim, da maior parte da “vida” da maioria da humanidade, feita de trabalhadores explorados e desempregados, sendo, esse, o estágio moderno rito sacrificial. A modernidade, longe de ser uma época de libertação de crenças religiosas irracionais que impõem uma violência injustificável, é vista, aqui, ao contrário, como um aprofundamento da irracionalidade. Isto é, a ilusão do valor justo não é somente mais uma modalidade racionalidade instrumental regressiva, antes, toca em seu núcleo.

Antes de seguir no livro de 2002, vale a pena retroceder a um texto publicado primeiramente em 1984 (TÜRCKE, 2011, p. 141) e cuja última versão está no ensaio “Trabalho” (*Arbeit*), do livro *Kassensturz*, de 1992. Ao iniciar o exame do conceito teológico de trabalho, este se comprova ligado à queda de Adão, à vergonha da nudez e à necessidade de se cobrir com roupas, primeira ocorrência bíblica do trabalho humano, que sinaliza a separação entre corpo e espírito, instinto e intelecto, e trai a impossibilidade de reconciliação diante da dissociação, discórdia (*Zwiespalt*) inevitável entre as duas instâncias. A maldição (*Fluch*) do trabalho, iniciada neste ponto, é reforçada na separação medieval (em especial em Tomás de Aquino) entre o trabalho forçado da vida ativa e a verdade divina mediada pela vida contemplativa. A contemplação medieval fez a felicidade e a liberdade serem inseparáveis do conhecimento, potencialidade que se encontra sob o abrigo da contaminação da maldição do trabalho. Logo, a contemplação é um privilégio de classe ou um gozo de conhecimento que só é permitido a partir da renúncia psíquica mais amarga, submetida às regras estritas da ascese monástica (TÜRCKE, 2011, p. 112).

Porém, na idade moderna, com o desenvolvimento da indústria, a maldição do trabalho se depara com a possibilidade de ser diminuída somente em um resto inevitável a ser dividido solidariamente, de modo a toda a população poder elaborar suas forças espirituais e corporais livremente. Desponta a possibilidade real de uma unificação entre vida contemplativa e vida ativa. Porém, quando a revolução industrial instituiu o trabalho assalariado, o trabalhador vende



sua própria força de trabalho para a obtenção de maior produção, consumo e lucro. O homem vira meio da produtividade, e não o contrário, por isso, as máquinas encontram-se impossibilitadas de se tornarem instrumentos da liberdade humana. “Em vez de fazer da maldição do trabalho uma farsa, ela o eterniza” (*Statt den Fluch der Arbeit zur Farce zu machen, verewigen sie ihn*); os homens não mais “precisam” (*müssen*) trabalhar, eles “devem” (*dürfen*) (TÜRCKE, 2011, p. 113). Além disso, o próprio trabalho, cujo caráter essencial teológico é uma maldição, no capitalismo torna-se, sob o fundamento mais ou menos calvinista de uma ascese intramundana, uma bênção (*Segen*). Quem é assalariado é socialmente reconhecido e integrado, enquanto o desempregado, longe de gozar do estatuto da contemplação, torna-se um preguiçoso, um parasita. Por trás de toda a crítica da condição do trabalho na modernidade a partir de categorias teológicas, podemos entrever o quanto o primado fetichizante do valor de troca escraviza, sacrifica o homem, isto é, a maldição é estruturalmente reforçada a partir da revolução industrial. Se o conceito de maldição do trabalho é parte da raiz teológica, parte do teor mitológico do Gênesis, é uma origem mítica; e o conceito de ritual sacrificial é uma origem histórica provável, os dois se encontram no ponto em que a razão moderna, que prometia a libertação de crenças mágicas, fortalece e eterniza sua vigência.

Retomando “Sociedade excitada”, é por isso que Türcke insiste na necessidade de um esclarecimento maior do conceito de fetiche da mercadoria e, por isso mesmo, menciona as fraturas do conceito de crítica da economia política de Marx, por ele não ter levado às últimas consequências a projeção fetichizante. Assim, a discussão sobre Marx de “Sociedade excitada” não só complementa a do livro sobre Paulo, sobre a base de *Kassensturz*, como atinge diretamente toda sua estrutura econômica. O que falta a Marx e aos seus exegetas, que ficaram décadas discutindo a contradição entre a lei do valor – que inclui uma suposta possibilidade de, por meio de medidas corretas, chegar ao valor justo – e o fetiche da mercadoria, é entender a dupla inversão que está em jogo na dialética entre sagrado e profano. Quando o Manifesto comunista afirma que a burguesia afogou tudo o que era sagrado e honrado “nas águas gélidas do cálculo egoísta” (MARX, ENGELS, 2003, p. 28), põe-se ênfase unicamente no lado da profanação. Türcke, porém, adverte: “Apenas, essa profanação do sagrado é ao mesmo tempo o prelúdio de uma nova consagração por meio da qual a mercadoria profana é novamente carregada



justamente com aquela sacralidade arcaica da qual ela parecia tão emancipada” (TÜRCKE, 2010, p. 213).

Não se compreende o capitalismo unicamente com a fórmula da profanação do sagrado. É preciso também reconhecer e estudar melhor a inversão mais intrigante e insuspeitada: a sacralização do profano, que Marx pouco anteviu e não levou adiante, pois ela desmonta toda a suposta coerência da economia em sua confiança na lei do valor. Em outras palavras, é justamente a absolutização do mercado, ao permitir entre os homens somente “o laço do frio interesse” (MARX, ENGELS, 2003, p. 28), que cria uma verdadeira indistinção entre profanidade e sacralidade (TÜRCKE, 2010, p. 224-225).

Se, por um lado, Türcke é um teórico *marxista*, isto é, recupera Marx frequentemente em suas interpretações da modernidade capitalista, ele só o faz para, por outro lado, modificá-lo substancialmente do ponto de vista de uma filosofia materialista da religião. Se se relembra a crítica que Türcke fez no primeiro livro, percebe-se que o ponto cego de Marx, assim como da maioria esmagadora de seus seguidores e até de seus críticos, está em ter compartilhado com o positivismo uma falta de discernimento histórico para as metamorfoses da religião. No exame de tempos pré-modernos, tal cegueira projeta um modelo profano, esclarecido, para mentalidades bem distantes deste critério, e ignora, especialmente, sutilezas de uma mentalidade religiosa pré-histórica. Por conseguinte, em tempos modernos, ela desconhece o quanto fenômenos supostamente profanos estão imbuídos da complexa reatualização de uma “sacralidade arcaica”. O que se iniciou com Marx produziu a obtusidade de boa parte da teoria contemporânea, mesmo quando ela pensa estar infinitamente distante do positivismo. O grande perigo do frequente posicionamento antiteológico da teoria pós-moderna está em imaginar-se esclarecida quando, na verdade, está obscurecendo. O mero ataque retórico à teologia não é nenhuma garantia de qualidade da crítica materialista. Quando ela subestima a teologia, ela mesma ainda está recaído na ingenuidade, narcísica e adolescente, de acreditar mais em sua fantasia da história (e de cientificidade), do que encarar as complexidades da mesma. Em outras palavras: subestimar a religião é confessar a fé cega pelo ateísmo, é teologizar-se (TÜRCKE; LOSSO, 2008, p. 14). “Afirmações como ‘Eu não acredito em Deus e não tenho nenhum pressuposto metafísico’ são por si mesmas um credo, a contrapartida ateísta da teísta” (TÜRCKE, 2011, p. 138).



## **Cárcere e chave**

Logo, Türcke aponta aqui dois problemas sérios para a discussão filosófica atual. Primeiro, é preciso desmistificar crenças ateístas que sequer se reconhecem como tais. Num certo sentido, ironicamente, muitos ateus são mais ingênuos do que os crentes, porque os crentes assumem suas crenças; os ateus, ao invés, cegam-se de suas crenças mais arraigadas. Segundo, essas mesmas crenças ignoradas não só não permitem observar estruturas arcaicas na sociedade moderna, como estão na base da recaída da sociedade nelas. O mais espantoso das análises do filósofo está em constatar que a modernidade fortificou aprisionamentos vãos da mentalidade mágica, em vez de deles se desfazer e, mais ainda, tornou a humanidade ainda mais cega dessas estruturas do que antes. Quanto mais poderosas e complexas elas se tornam, mais tornam-se invisíveis, escondem-se em meio à sua normalização. Quanto mais elas padronizam, uniformizam, mais parecem ser verdadeiras, legítimas e definitivas. Se Marx foi um filósofo que se esforçou consideravelmente para nos fazer sair desses grilhões, sua manutenção de ilusões ignoradas, ao mesmo tempo, sub-repticiamente, mais nos atravancou a eles.

A conclusão a que se chega não pode ser outra: não há nada mais perigoso, na ciência e na sociedade, do que subestimar a religião. O crescimento amedrontador do fundamentalismo no Brasil e no mundo, que foi devidamente analisado pelo filósofo faz tempo como um fenômeno intrinsecamente ligado à lógica do mercado (TÜRCKE, 1995), é um sinal evidente de que é preciso “respeitar a religião”, não só por ser uma questão de direito, mas por ser a própria condição de possibilidade da liberdade. É na religião que está tanto o mistério do cárcere invisível quanto sua chave.

À luz dessas considerações, a indagação de Carlos Drummond de Andrade, no poema “Aos santos de junho”, ao Pedro evangelista, talvez fosse direcionada, desde o início, aos teóricos da sociedade: “Tens as chaves do céu ou do Tesouro?” (ANDRADE, 2002, p. 521).



## Referências

- ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. **La comunità che viene**. Torino: Giulio Einaudi, 1990.
- BADIOU, Alain. **Saint Paul**: la fondation de l'universalisme. Paris: PUF, 1997.
- CAPUTO, John D. **The prayers and tears of Jacques Derrida**: religion without religion. Bloomington: Indiana University Press, 1997.
- DERRIDA, Jacques. Fé e saber. As duas fontes da 'religião' nos limites da simples razão. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A religião**: o seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Comment ne pas parler**. Dénégations. Psyché. Invention de l'autre. Paris: Galilée, 1987.
- DERRIDA, Jacques. **Sauf le nom**. Paris: Galilée, 1993.
- LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito. **Teologia negativa e Theodor Adorno**: a secularização da mística na arte moderna. 2007. 342 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.eduardoguerreirolosso.com/tese.htm> . Acesso em: 02 abr. 2012.
- LÖWY, Michael. **Marxisme et romantisme révolutionnaire**. Paris: Sycomore, 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RIMBAUD, Arthur. **Poesia completa**. Tradução, prefácio e notas de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- TÜRCKE, Christoph. **Zum ideologiekritischen Potential der Theologie**. Konsequenzen einer materialistischen Paulus-Interpretation. Köln: Pahl-Rugenstein, 1979.
- TÜRCKE, Christoph(Org.). **Nietzsche, uma provocação**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994a.
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Kassensturz**. Zur lage der theologie. Springe: Zu Klampen, 2011.
- TÜRCKE, Christoph; LOSSO, Eduardo Guerreiro B. Entrevista com Christoph Türcke. **Revista.doc**, n. 5, Janeiro/Junho 2008. Disponível em: < [http://www.revistapontodoc.com/5\\_entrevista.pdf](http://www.revistapontodoc.com/5_entrevista.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2014.
- TÜRCKE, Christoph. **Der tolle Mensch**. Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft. Frankfurt: Zu Klampen, 1989.



\_\_\_\_\_. **O louco**: Nietzsche e a mania da razão. Trad. Antônio C. Pinto de Lima. Petrópolis: Vozes, 1993.

TÜRCKE, Christoph. Fundamentalismo. In: BONI, Luis Alberto (Org.). **Fundamentalismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995. p. 51-63.

TÜRCKE, Christoph. A luta pelo logotipo. Trad. Peter Naumann. In: DUARTE, R.; FIGUEIREDO, V. (Orgs.) **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: Humanitas, 2001.

TÜRCKE, Christoph. Adornos inverse theologie. In: ETTE, Wolfram et all. **Adorno im widerstreit**. Zur presenz seines Denkens. München: Suhrkamp, 2004. p. 91-97.

TÜRCKE, Christoph. Der Markt hat's gegeben, der Markt hat's genommen. **Literaturen**: Das Journal für Bücher und Themen, caderno 12, p. 6-11, 2005.

TÜRCKE, Christoph. LOSSO, Eduardo Guerreiro B. Entrevista com Prof. Dr. Christoph Türcke. Materialismo e Teologia: traumas, recalques e cegueiras do fundamentalismo e da secularização. **Revista .doc**, Rio de Janeiro, n. 5, jan./jul. 2008.

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu | RJ | Brasil. Contato: edugbl@msn.com

Artigo recebido em janeiro de 2014 e aprovado em abril 2014.